

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 30 Abril 2014**

*Texto de referência: J. Carrón, Introdução, em in «CORRENDO PARA O ALCANÇAR»,
supl. de Passos, Maio 2014.*

- *Abramo*
- *Il giovane ricco*

Gloria

Boa Páscoa a todos! Começamos o trabalho de surpreender o que aconteceu, o que está a acontecer na nossa vida depois dos Exercícios da Fraternidade. Na *Introdução*, colocámo-nos perante uma questão: o que é o essencial? Não interessa aqui saber se acertei ou não na definição certa, se fiz bem ou fiz mal; interessa sim se me dei conta, quando me dei conta, do que é o essencial.

Que furacão, que tempestade despertaste no meu coração! Cheguei a Rimini com o anseio e a oração, a pedir que Ele pudesse voltar a abraçar-me. Sonhava poder lá estar com o mesmo coração destroçado e palpitante de há cinco anos, quando vos encontrei e renasci. Acontece o seguinte: o caminho que me estás a propor é tão radical, tão forte e consistente que, ao início, perante a tua pergunta insistente sobre «Quem é Cristo?», senti-me quase incomodada, importunada na minha certeza hierática e bem fundamentada de que O conhecia muita bem, tinha embatido n'Ele muitas vezes, tinha-me repescado do lago da minha vida desordenada e arrogante, ao ponto de me levar a decidir mudá-la totalmente. Mal ou bem, eu estava certa de ter cedido ao Seu fascínio incrível. Enfim, até senti muitas vezes que sou boa pessoa. Que armadilha! Esta tua pergunta voltava sempre ao de cima, fazia-me sentir insegura e zangada. Sentia-me incomodada e, depois, inquieta e, finalmente, desconfortável. Notei uma discrepância intolerável entre o que eu achava que percebia e a minha vida. No dia-a-dia, tinham-me “cortado as vazas”. Mas como? O que tinha eu perdido? E assim, com esta dor providencial cheia de graça e de ternura, cheguei a Rimini e tu acolheste-me com aquela pergunta: «Quem de nós não gostaria de estar aqui esta tarde com o rosto escancarado, a tender, a desejar, cheio de espanto, que tinham Pedro e João a caminho do sepulcro na manhã de Páscoa?» (pag.1). Descobri-me dramaticamente – e sublinho dramaticamente – à beira de uma incrível profundidade e verdade do meu eu e da minha humanidade. Experimentei uma enorme vertigem, como se reparasse pela primeira vez na espessura e na grandeza de um desafio dirigido a mim. Voltei a pensar em todas as vezes que cheguei à Escola de Comunidade pronta a intervir se houvesse ocasião: uma grande série de factos importantes, decisivos, poderia contar muitos, era evidente em todos – e poderia até jurar – Jesus em acção, mas não chega. Experimentei uma dor, senti todo o peso do meu eu “político”, das minhas respostas parciais, da minha histeria. Obrigada, porque este desafio a esta radicalidade me pede que vá até às últimas consequências, e desejo deixar-me vencer. Cristo não é um pensamento meu, ou uma imaginação minha, mas existe, existe! Não tenho de me cansar a pensar n'Ele, mas tão somente aperceber-me que Ele existe. A ternura extraordinária que noto é a Sua iniciativa comigo: passa por cima de todas as minhas debilidades e misérias; e, ainda mais extraordinário, usa a minha humanidade como recurso e não como obstáculo. Assim, tudo se torna caminho, e a minha vida impossível torna-se

possibilíssima; mais, amabilíssima. Obrigada, Julián, quero-te muito bem porque me conduzes ao meu Bem. Com muita gratidão.

Uma pessoa pode chegar a Rimini tal como ela nos contou; tal como podemos estar aqui hoje à tarde numa qualquer condição. O que nos documenta sobre o essencial? Que, ainda que uma pessoa chegue e dê por si incomodada com uma pergunta que lhe é feita, insegura e zangada, com este incómodo incrível, com esta dor providencial, Cristo torna-se potentemente presente não como um pensamento – porque um pensamento não consegue despertar o eu assim –, mas graças ao acontecimento que Ele é e que simplesmente facilita que se repare na Sua presença. Então, como que é ela descobriu o que é o essencial? Porque a torna mais potentemente ela própria. O que dissemos ao ler o oitavo capítulo da Escola de Comunidade? Que só o divino salva todos os factores do humano, os faz emergir à consciência de cada um. Quando nos incomodamos por causa disto, quer dizer que não aconteceu, porque quando Ele acontece, não nos incomoda; faz-nos, antes, fazer uma experiência com uma espessura e uma grandeza, com uma profundidade e verdade do meu eu, como ela descreveu. Isto é Cristo: não uma explicação, não um elenco de frases, mas antes este reparar, este despertar o próprio eu, este tornar-se si próprios. Como escreve outra amiga «Que grande acontecimento me aconteceu nestes dias! Voltei dos Exercícios com uma grande comoção e com o coração cheio de alegria por O ter encontrado de novo, porque a Sua presença manifestava-se a mim através da pessoa que testemunhou o carisma de *don* Giussani e a beleza de uma vida desejosa da Sua presença. Graças ao que aconteceu naqueles dias, foi possível voltar a abraçá-Lo de novo e voltar para casa mudada e cheia de letícia [sabemos que existe porque age: “Existe, se age”; não é uma coisa que eu aprendo e depois aplico; não, Cristo é uma coisa que acontece]. Sou eu, mas já não sou eu. Todos repararam: desde o meu marido (que, por me ver e ouvir contar, decidiu ir aos Exercícios dos trabalhadores), os meus colegas da escola, os meus amigos (alguns deles perguntaram-me mesmo: “O que te aconteceu, que estás tão radiante?”). Estou alegre, com uma grande paz no coração. Não é uma questão de fazer as coisas, é um amor, uma afeição, um ser amados que muda a vida. Foi mesmo assim. Nunca foi tão simples voltar para casa depois de três dias, sempre encontrei nervosismo e tensão; desta vez, estava tão grata do que me tinha acontecido que tudo foi diferente [nós verificamos que aquilo de que estamos a falar é o mesmo que aconteceu a André, que naquela noite voltou para casa – segundo o que *don* Giussani sempre nos contou –, e via-se o que lhe tinha acontecido pela maneira como abraçou a mulher, não porque tenha tentado por em prática o que tinha visto, mas porque se apercebeu de uma mudança em si que se expressava numa maneira completamente diferente de abraçar a mulher]. Já não tinha a preocupação de fazer ou mudar as coisas [a questão não era essa], mas com o coração cheio da Sua presença pude enfrentar todas as coisas de uma forma totalmente nova (não é que não tenhamos que enfrentar as coisas mas sim que enfrentando as coisas, as do costume descobrimo-nos a fazê-lo de uma maneira nova]: cozinhar, ir à escola, estar com os meus filhos, com os meus alunos. Todas as coisas são iguais a antes, mas agora o coração está cheio de paz e de amor». Quando dizemos que o cristianismo é um acontecimento, é disto que estamos a falar. Não é uma categoria em conjunto com outras, nem uma explicação; é alguma coisa que acontece e que eu vejo na maneira diferente, nova, como trato as coisas, desde o abraço à mulher (como André) até dar de comer aos filhos.

Daqui nasce uma questão: como é que permanece? O que é necessário para que o coração continue tenso e aberto? Porque nos Exercícios também percebi que ...

Porque é que agora tens o desejo de permanecer com tensão e abertura?

Porque nos Exercícios, na primeira noite, tu convidaste-nos a ter o mesmo coração que João e Pedro quando corriam para o sepulcro. Eu senti que este convite me era dirigido, porque é aquilo que eu desejo. E com este coração em tensão, no dia seguinte, na forma como nos olhavas e nos falavas, percebi a excepcionalidade de Cristo e por isso percebi também o capítulo oitavo, fazendo experiência dele. De repente percebi que estava tão feliz como já não acontecia há muitos meses. E agora quero continuar a estar feliz.

«De repente», percebem? De repente percebeu que estava feliz. O cristianismo é isto: um acontecimento que acontece. Como em qualquer acontecimento, “de repente” o sujeito percebe que está diferente e daí surge o desejo.

Eu quero continuar a estar feliz e ...

E como é que, na tua experiência, aquilo que viveste em Rimini responde à tua pergunta? Como é que volta a acontecer? Porque no acontecimento esta já o método segundo o qual pode voltar a acontecer.

Eu dou-me conta que aquilo que aconteceu permanece através da memória, e por isso olho para as coisas com uma maior certeza, com uma certeza “a mais” de que Ele esta presente.

Portanto: tu chegas aos exercícios num certo estado, e acontece-te qualquer coisa que te muda e te torna feliz. Não há outro método. Então como é que volta a acontecer? Com o mesmo método. Na verdade, o que é que *don Giussani* fez (como veremos retomando as lições dos Exercícios)? Levou-nos sempre a aproximarmo-nos da experiência de João e André; começou por anunciar o episódio de João e André, metendo-a à frente dos nossos olhos, para que pudesse voltar a acontecer (como dizias à pouco). Depois deslocámo-nos em direcção ao “para fazer”, para pensar que tínhamos outras coisas para fazer, mais interessantes que isto. E para corrigir este nosso desvio o que é que *Giussani* fez? Dissemo-lo nas lições: voltou a propor-nos João e André, naquele dia no rio Jordão com João Batista. Não há outro método. É a repetição daquele acontecimento, minha cara, que temos de pedir; e devemos constantemente tomar consciência dele através da memória. Como me dizia esta manhã um aluno numa aula na universidade Católica: não podes arrancar de ti aquele acontecimento, porque ele continua a volta, a volta e a voltar, como acontece a alguém que vai a uma festa e se apaixona e no dia seguinte acorda com aquele rosto na cabeça.

Mas eu dou-me conta que de regresso à vida do costume (e com todas as dificuldades da vida) a evidência e a clareza que eu tinha ali há não são tão fortes, e muitas vezes a distração e o cansaço levam a melhor.

Então é precisamente aí onde estás que tu te deves deixar desafiar uma vez após a outra, para que se torne cada vez mais teu este olhar. É preciso dar-mo-nos conta de que este é o caminho a fazer: «Esperem um caminho, não um milagre» (*L. Giussani*, “*Raduno nazionale maturati*”, Rimini, 28-30 Setembro 1982, Arquivo CI). É a frase que me vem sempre à cabeça desde que a ouvi a primeira vez. A ti, com base naquilo que contas, o milagre aconteceu; mas como vês, o milagre não basta, porque regressando ao ram-ram algum tempo depois tudo se debilita. Como acontece aquele aluno da Católica que veio ter comigo na pausa após a explicação do capítulo décimo do Sentido Religioso: «A mim aconteceu-me precisamente este espanto diante da realidade, porque tive um acidente com a mota e fiquei em coma, e depois quando acordei tudo era novo, tudo se tornava extraordinário, nada era óbvio. Acordar era como dizer: ainda estou aqui; tudo chamava a minha atenção». «Estás a ver? A ti aconteceu o milagre». Mas ele estava cheio de dor porque naquela manhã já se tinha esquecido daquele espanto, já não fazia experiência dele. Disse-lhe: «Estás a ver? Não basta o milagre. Que ele se torne teu, é um caminho». A conversão é um caminho, como nos dissemos.

Eu tentei responder à pergunta sobre o essencial. Depois de cerca de um ano à procura, comecei a trabalhar há cinco meses, e isto é um belo desafio, difícil, empenhativo, e obriga-me a jogar-me todos os dias, a toma decisões e a adquirir conhecimentos precisos para não trabalhar de uma forma casual e sumária; e obriga-me a olhar no rosto muitas pessoas diferentes de mim, com quem muitas vezes eu não queria ter nada a ver. Tenho ainda muito para aprender e cometo muitas vezes erros práticos, nas relações com os meus colegas e com as pessoas; porém recomeço cada dia pedindo para trabalhar bem, para dar o meu melhor, para não me enganar muito e para ser o mais corajosa possível. No trabalho isto foi para mim o essencial.

Ou seja para ti o essencial era o resultado do trabalho?

Sim, não cometer erros.

Então?

Dei-me conta de que esta é a mentalidade de todos, a mentalidade do sucesso.

Uma pessoa surpreendendo-se em acção dá-se conta de que o essencial para si é o sucesso no trabalho.

Há pouco tempo aconteceu-me cometer dois erros graves e parecidos com um curto intervalo um do outro, e alguma coisa mudou. Porque depois de um engano podemos levantar-nos, todos te dizem que errar é humano e pode acontecer; mas eu não estava à espera de ter outra distração semelhante. E assim, vi-me obrigada a perguntar-me o que é para mim o essencial na vida. Qual é a minha verdadeira necessidade, porque se o essencial é o sucesso, então diante do erro eu estou acabada; e se olho para mim assim fico verdadeiramente destroçada pela minha impotência e caio na angústia e no medo devido ao erro que fiz e aos muitos que ainda farei, e fico apanhada na armadilha e paralisada porque o meu essencial ruiu.

Estão a ver? Uma pessoa descobre, mesmo quando se engana, que colocou o essencial nalguma coisa que se revelou insuficiente. Então aqui, não me interessa colocar a atenção sobretudo no engano, interessa-me o caminho! Pois ó porque cometeste este erro que se revelou diante dos teus olhos o que era para ti o essencial da vida. Agora estás mais consciente disso. Isto é mais decisivo do que não cometer erros. Nós estamos demasiado preocupados com os erros em vez de preocupados em aprender. Então do que é que tens necessidade dizias tu?

Perguntei-me o que é que me permite olhar para mim de outra forma, porque preciso de responder a esta pergunta para me poder levantar amanhã de manhã e poder voltar ao trabalho. E aquilo que descobri é que preciso redescobrir sempre que o meu valor não se mede pelo sucesso; tenho necessidade de experimentar concretamente sempre, um olhar que me abraça a mim e aos meus erros. Descobri que é isto o verdadeiro essencial, caso contrário caio diante do primeiro obstáculo como me aconteceu no trabalho.

Estão a ver que o essencial não é um fazer, mas um amor? É assim que na vida se revela diante dos nossos olhos o que é o essencial.

Aquilo que me libertou é que na história aconteceu aquilo de que eu preciso, ou seja, que Cristo morreu e ressuscitou para me salvar, para me salvar a mim, aos meus pecados e aos meus erros. E eu tenho a possibilidade de redescobrir isto na companhia da minha família, dos meus amigos e de alguns dos meus colegas; e isto é uma coisa que eu vi com uma clareza que poucas vezes tive. Digo-o porque o vi e não porque é a resposta certa. A minha impotência obriga-me a olhar para o facto de que sou falível e isto assusta-me imenso porque a minha capacidade de errar é enorme, porém é também a forma através da qual percebo que a minha felicidade não pode depender da minha perfeição, mas que pelo contrário eu estou ligada a um Outro, que me quis assim, com as minhas imperfeições, e que mas dá como instrumento para crescer. Permanece a dor

do meu erro e da minha distração porque queria não errar, porém para mim agora, a alternativa está entre a angústia que me paralisa e o confiar-me com a oração e com a companhia dos meus amigos para perceber melhor quem sou eu e poder gozar a vida. E isto é um caminho que iniciei, porém esqueço-me continuamente dele, volto a cair no medo.

Não importa. O problema é um caminho que nos dá cada vez mais a clareza, como dizes, «uma clareza que tive poucas vezes» do caminho a fazer. Obrigado.

Estas últimas duas semanas foram para mim muito provocadoras, no sentido de que tudo no meu dia fazia com que a minha experiência girasse à volta daquela pergunta que nos estás a fazer tu e o Papa Francisco: o que é o essencial? O que é essencial para a minha pessoa e para a minha vida? Particpei no Tríduo pascal dos universitários e na Sexta-Feira Santa foi dito: «Para responder a esta pergunta é necessário que deixemos Cristo lavar os nossos pés». Acontece-me muitas vezes fugir desta possibilidade de que Cristo seja para mim o essencial. Domingo, ouvindo a homilia do Papa Francisco que proclamava santos João XXIII e João Paulo II, senti-me chamada a isto. Os santos não se escandalizaram com as chagas de Cristo, pelo contrário, amaram-nas porque através daquelas chagas fomos salvos. Deixaram Cristo lavar-lhe os pés, reconheceram o essencial, tornaram visível para nós o essencial. Através daquelas chagas levaram a cabo a verificação da fé, isto é, o essencial. E isto é só o culminar de duas semanas em que tudo me falava do essencial: a Páscoa, dia em que a minha família festejou só com a Santa Missa, não tendo tempo de preparar o sempre maravilhoso almoço com a família; na segunda-feira depois o casamento da minha prima; na terça-feira seguinte, visitando a fascinante Capela dos Scrovegni; e nos dias seguintes ainda na relação com a minha irmã. E o dia de Domingo fez crescer a minha pergunta, o meu grito: mas como é possível? Se quisesse retomar uma frase da Introdução: como é possível «ser incoerentes e estar contradíssimos no essencial»? Gostava que me explicasses melhor esta afirmação porque não me dá paz. Quem quer responder a esta pergunta?

A mim aconteceu-me isso. Vim aos Exercícios com uma grande expectativa, há meses que esperava este momento. Mas depois estive de modo parcial: segui as lições com atenção, mas no resto do tempo não estive: no hotel, no tempo livre, em todos os outros momentos que fazem parte dos Exercícios (e também tu o tinhas recordado e sublinhado!). Assim, no Domingo, enquanto voltava a casa com grande dor encontrei-me a chorar com uma amiga por ter desperdiçado aquele momento, porque Ele faltava-me tremendamente, porque o que mais desejo é que Cristo invada toda a minha vida. Tive dois dias de grande dor pela ocasião perdida. Depois, provocando os amigos sobre isto, perguntando, descobri que aquela dor não era semelhante a nada, que aquela dor já era um ponto de partida. Dizias na Introdução: «Quando se sublinha a distância entre intenção e experiência, o ponto principal não é a coerência, quantas vezes erramos, mas o que é que nos define também quando erramos; o ponto é o conteúdo da autoconsciência, independentemente do ponto de consistência, o que verdadeiramente perseguimos e amamos na acção, o que é para nós o essencial? De facto, pode-se ser incoerentes e estar contradíssimos no essencial». Assim, dei-me conta que Cristo é essencial para mim, e não por uma escolha minha ou capacidade, não porque o digo, mas porque me saiu da carne. Não posso passar sem a Sua presença e todas as vezes que não O reconheço a vida vem cai-me em cima e eu não aguento. Encontrei-me sem saber a reviver a mesma experiência de Pedro diante do Senhor que lhe pergunta: «Tu amas-me?». O descobrir-me ainda assim necessitado por não me ter

jogado completamente com os meus amigos foi a passagem necessária para me dar conta que, independentemente de mim, do que decido e faço, Ele é o essencial; é Ele que demonstra ser o essencial, não o decido eu. E isto emerge mesmo dentro da vida. Lembrei-me de um excerto de Giussani de Vite Straordinarie (8 de Fevereiro de 2007), em que fala do “sim” de Pedro: «Quando disse: “Senhor, tu sabes tudo. Apesar de todas estas aparências, apesar de todas as aparências; apesar de todas as aparências de mim a mim mesmo, tu sabes que te amo”. Quero-te, porque “te amo” quer dizer “quero-te”; “amo-te” quer dizer “quero-te”, e “quero-te” quer dizer afirmo-te”: “Afirmo-te, reconheço aquilo que és, reconheço aquilo que és para mim e para tudo”. Em suma, é esta a perturbação do moralismo e da justiça feita com as nossas mãos, aquele era um pobre pecador como eu e tu, era um pobre pecador que tinha acabado de trair, ainda por cima de uma forma indecente de tal forma que nem nos lembramos de outra mais descarada; estava cheio de erros, mas amava-o».

Isto é o que temos dificuldade em relacionar: estava cheio de erros, mas amava-o; cheio de incoerências e simultaneamente contradíssimo no essencial. Porquê? Porque como disseste é Ele que demonstra ser o essencial. Onde se vê que Cristo é o essencial? No facto de que todo o meu erro não impede Cristo de redespertar toda a minha afeição e se tornar para mim o essencial. Como diz *don Giussani* naquela frase estupenda, explicando o “sim” de Pedro: «Não sei como, (...) Senhor. A minha simpatia humana é para ti; a minha simpatia humana é para ti Jesus de Nazaré» (*Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, Bur, Milano 1995, p. 50). E quem o dizia tinha acabado de o trair. Uma pessoa pode errar e estar contradíssima no essencial. Porquê? Porque aquele fio de ternura agrava-se cada vez mais, cresce cada vez mais, liga-se cada vez mais, como veem com os vossos filhos; não é que deixem de errar, tantas vezes, mas vejam como cresce o fio que os liga a vocês. Nenhum outro exemplo explica de forma tão simples como as duas coisas não estão em contradição. E porque cresce esta afeição, porque cresce este fio de ternura, Cristo demonstra ser essencial, como demonstra ser essencial para os vossos filhos, não porque de repente tudo está no lugar, mas porque também no erro cresce cada vez mais aquela afeição que nos faz perceber o que é o essencial, quem é o essencial.

Conto uma coisa que me aconteceu na semana passada no Senado académico. Para contar isto, tenho que falar duma coisa que aconteceu nessa mesma manhã. Eu e mais algumas pessoas da minha faculdade tínhamos decidido distribuir na universidade o convite para o gesto da Páscoa, que teria lugar quinta e sexta-feira santas. Encontrei logo um rapaz que me disse ser o mais ateu dos ateus. Disse-me que tinha sempre sido cristão e que tinha sempre concebido a fé como a relação com Deus, mas que apesar disso tinha ficado sempre desiludido com os padres e as pessoas que encontrava, a ponto de se ter fechado nesse juízo negativo. Esta sua noção era tão forte que tinha a vontade de se “desbaptizar”. Depois de me ter dito isto, perguntou-me o que era para mim a fé. Diante da radicalidade da pergunta, eu não podia responder-lhe com frases ou discursos, ou contando coisas bonitas, mas secundárias, não podia reduzir a questão, e por isso vi-me obrigada a dizer-lhe como é que o facto de acreditar em Jesus mudava a minha vida, contando-lhe como, diante das coisas de todos os dias, eu via um olhar mudado, na relação com a minha família ou com o meu namorado, ou com os meus amigos, e via nesta mudança a acção de Jesus. Enquanto eu falava, o rapaz deixou de olhar para o telemóvel, desligou todas as chamadas que recebeu, e deixou mesmo a sua namorada sozinha no bar para falar comigo. À tarde fui ao Senado, e o encontro que acabei de descrever, pela forma como tocou directamente no ponto da fé, tinha-me deixado tranquila, alegre. No Senado, sou a única da minha lista e não sou

amiga de nenhum professor; por isso, às vezes chego lá agitada, por não saber o que dizer, e muito ansiosa pois acho que não consigo fazer nada sozinha e não posso influenciar nada. Por isso, em resumo, a alegria daquele dia era inexplicável. Ainda por cima, aquela sessão seria a mais turbulenta, já que tínhamos que votar sobre as vagas num departamento, e na reitoria encontravam-se muitos estudantes com megafones e cartazes para protestar. Por isso, mais uma vez, percebi como era inexplicável a minha tranquilidade diante disto tudo. Esta alegria tornou-me mais inteligente nas minhas acções, a partir do momento em que, estando ali sem saber ainda o que votar, me pus a leras actas e a fazer mais perguntas a quem estava a falar, para perceber. Passado um bocado, aproximou-se de mim um professor, com quem eu nunca tinha falado, e disse-me: «Tu és diferente. Vê-se que, aqui dentro, és a única estudante que usa a razão, porque não estás aqui para defender princípios ideológicos, mas estás aqui para construir, e isso torna-te mais livre e mais sincera ao votar. Digo-te isto porque reparei nisto há seis meses para cá». Nesse dia a sessão foi suspensa e voltámos no dia seguinte para votar. Nesta segunda sessão, os ânimos exaltaram-se, os estudantes começaram a protestar mais e a interromper mesmo a votação, pedindo o voto nominal para que se visse na transmissão em directo, provocando a fúria e os protestos dos professores. Neste clima de tensão, o reitor afastou-se durante a votação; os outros alunos aproximaram-se de mim e disseram-me para ser uma aluna a sério e votar como eles. Aquela sessão trouxe ao de cima o pior de toda a gente, de tal maneira que eu não conseguia alinhar com ninguém. Aproximou-se mais uma vez de mim o mesmo professor do dia anterior e disse-me: «Volto a ver a tua diferença: enquanto estão todos zangados e ideológicos, tu estás triste porque é claro que não estás aqui para discutir, mas para outra coisa». É incrível que esta tristeza tenha assumido logo um outro significado! No dia seguinte, o professor escreveu-me um mail convidando-me para continuar a viver o Senado assim, como um lugar para construir acima de tudo a mim mesma, como pessoa, e só isso me permitiria depois construir no mundo fora do Senado. Disse-me que me falava como um pai às suas filhas, convidando-me a manter-me em contacto com ele para qualquer assunto. Com este acontecimento extraordinário, apercebi-me de algumas coisas: acima de tudo, o ter reconhecido naquela manhã, com aquele rapaz, o que era para mim o essencial; reconhecer o essencial para a nossa própria vida não é uma coisa que se tem que fazer, mas uma coisa que acontece no impacto com a realidade, no encontro com quem não sabe o que é a fé e to pergunta. E fazer isto não é uma coisa espiritual, ou intimista, é um reconhecimento que é bom para nós, porque é concreto e nos muda concretamente, como expliquei, tornou-me mais inteligente na votação. Em segundo lugar, dei-me conta de que isto acontece devido a uma disponibilidade minha, ao dizer: “Jesus, toma tudo, toma até mesmo o Senado, toma-me até mesmo no Senado”. E isto acontece devido a uma seriedade no trabalho da Escola de Comunidade que nos fazes fazer há meses. E daqui percebo que o primeiro instrumento para estar no mundo e no Senado é precisamente a Escola de Comunidade feita com esta seriedade que, entre outras coisas, depois nos faz agir também nas coisas técnicas. Por fim, estou a reconhecer o que me disseram logo que fui eleita: que um eu mudado muda os lugares. E isto vê-se.

Descobriste o que é para ti o essencial não fazendo reflexões em abstracto, mas através do impacto com a realidade. Porque surpreendeste aquela diferença na maneira de estar no Senado académico, na maneira de estares diante do rapaz que queria “desbatptizar-se” (tanto que se esquece do telemóvel e da namorada para ficar contigo, pela curiosidade por aquilo que vê). É assim que o essencial para viver se revela diante dos nossos olhos. É pelo uso da razão, pela liberdade, pela tranquilidade com que estamos

no mundo; os outros dão-se conta de tudo isto. Muito diferente de sermos ratos de sacristia! E isto pede-nos que nos deixemos tomar de tal forma, no real, pelo essencial, que só o facto de estarmos presentes o testemunha. Não tem nada a ver com intimismo! É exactamente aí que resplandece – no real, no meio das brigas – quem é Cristo e que novidade consegue introduzir na vida. Então, a questão é se isto se torna – como ela diz: fazendo o caminho da Escola de Comunidade – cada vez mais nosso. Quando acontecer descobrir-me assim no real, será uma surpresa, como foi para ela, a última a chegar ao Senado académico, surpreender-se no momento das polémicas e da votação. A sua liberdade recorda-me aquela que é narrada nos *Actos dos Apóstolos* – ouviram-na recentemente, se tiverem estado na missa –. Pedro e João são levados ao sínédrio (como ela ao Senado académico); imaginem dois homens do povo, ignorantes, que estão diante dos escribas, dos fariseus, dos sumos-sacerdotes, e aqueles admiram-se (como o professor): «Mas estes são diferentes!». Porque ficavam espantados? Porque, mesmo não tendo instrução (eram os dois analfabetos, porque só os escribas e os fariseus podiam estudar), falavam diante de todos com uma liberdade inexplicável. Até que os sumos-sacerdotes se deram conta de que Pedro e João tinham sido amigos de Jesus, companheiros de Jesus. Na convivência com Jesus, tinham sido gerados para uma experiência de vida que espantava! Escribas e fariseus, naquela circunstância, não se espantavam com Jesus de carne e osso, mas com dois pescadores. Isto documenta a novidade que introduziu na vida a sua convivência com Jesus; errando, esquecendo, discutindo sobre quem era o primeiro, mas nunca se afastando, para testemunhar o que é essencial para viver, para viver como homens no meio do real. O Papa chama-nos a isto como condição do testemunho. Então, não é que falar do essencial seja eliminar tudo o resto, como dizem alguns: «Fala-se do essencial, e entretanto não fazemos nada!». Não! O essencial é necessário para viver tudo o resto de maneira diferente! Não é que ela tenha pensado no essencial num momento de recolhimento: ela descobriu o essencial nas disputas do Senado académico! Então, falar do essencial não é deixar nada de fora, mas significa percebê-lo lá onde se joga constantemente a vida de todos: os estudantes, os professores, os contínuos, os administrativos, todos. E precisamente ali, emerge uma figura diferente que testemunha uma outra coisa. Se o Papa nos chama a isto, tal como nós nos chamámos nos Exercícios, é precisamente por isso, primeiro de tudo por nós, porque quem não gostaria de estar no real tão livre, tão capaz de encarar as circunstâncias com esta novidade? Pode fazê-lo ela, que é ainda uma universitária! Está ao alcance de todos. Não é uma questão duma genialidade especial, é uma questão, como para Pedro e João, de participar num lugar onde somos gerados assim.

A mim surpreendeu-me nos Exercícios a simplicidade do critério evangélico que nos foi sugerido para perceber onde está o essencial: «Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (Mt 6,21). Esta é a coisa que mais me ficou neste período, porque dei por mim a descobrir que durante o dia faço muitas coisas, muitas boas, tomo decisões justas, faço escolhas onde me empenho todo, e percebo que neste “tudo” está o meu coração, e o meu tesouro coincide com estas coisas. Dando-me conta disto, foi evidente para mim a distância, que sublinhavas, entre o essencial e aquilo onde o meu coração se apoia. A mim fez-me respirar, porque se não, arriscamo-nos a reduzir tudo a um problema de capacidade ou de coerência. Disseste, a um certo ponto, que devemos perceber qual é o conteúdo da nossa autoconsciência. Então a mim veio-me uma pergunta: mas se o conteúdo da nossa autoconsciência, da minha autoconsciência é tão débil que o meu tesouro está sempre noutra lugar, de onde se recomeça para colmatar esta distância entre a intenção que Cristo seja o essencial e o facto que, vivendo, uma pessoa se dá conta que o essencial está noutra lugar?

De onde se recomeça? Tenta dar uma tentativa de resposta? De onde se recomeça? Porque todos temos já na experiência todos os ingredientes para responder a esta pergunta.

Eu parti de uma coisa: que não pude senão voltar ao que me tinha sucedido e que mudou a vida.

Perfeito. De onde se recomeça? Recomeça-se dali, dali! Porquê? Porque naquele momento esta distância colmatou-se; naquele momento não existia distância entre intensão e experiência. No encontro, naquele momento, esta distância foi vencida. A um certo momento, tu foste tomado daquilo que te aconteceu. Este é o evento cristão. O cristianismo como acontecimento é isto, que Ele vence a distância. Então a questão é se nós voltamos constantemente ali, ao início, porque o método é mesmo este: é sempre uma graça, é sempre o embater-se em alguma coisa diferente de nós, é sempre acolher alguma coisa que nos aconteceu, e é sempre voltar à memória do encontro feito. Como nos dizia Bento XVI: «Nós somos *memores Domini* porque Ele é *Memor* nosso», eu posso fazer memória d'Ele porque Ele faz memória de mim (cfr. Bento XVI, *Mensagem por ocasião das Exéquias da Memores Domini Manuela Camagni, da Família Pontifícia*, 29 de Novembro de 2010). É sempre Ele que recomeça, que recomeça o desafio; e eu posso voltar continuamente, como João e André voltam no dia seguinte para O encontrar outra vez, porque se recomeça sempre dali. E isto, no tempo, faz crescer a autoconsciência, esta ligação que dizíamos, este fio de ternura, esta simpatia humana que se incrementa sempre mais. Cria aquela unidade de viver que depois uma pessoa se surpreende de ter enquanto está no meio da multidão: no Senado académico ou diante dos desafios da vida. Por isso a nossa preocupação deve ser voltar ali, recomeçar constantemente d'Ele, porque é só deste evento da sua presença que recomeça tudo. Não é um moralismo. Não é que uma coisa que seja o início e outra a continuação: é sempre o mesmo, o início e a continuação. Por isso, se nós temos a simplicidade de voltar, de tornar a ir, de retomar o que nos aconteceu, de fazer memória – que não é uma recordação, mas o reconhecimento da Presença que se introduziu para sempre na nossa vida –, então esta autoconsciência cresce e nós permanecemos espantados do que Ele testemunha diante dos nossos olhos.

A próxima Escola de comunidade terá lugar quarta-feira 21 de Maio às 21:30. Começamos a trabalhar a primeira lição dos Exercícios da Fraternidade.

Eleições europeias. Em vista das eleições europeias de 25 de Maio, convido-vos a tomar seriamente em consideração a difusão do manifesto sobre a Europa, sobretudo porque no contexto de confusão, de desinformação e de indiferença na qual nos encontramos não se pode dar como óbvio que as pessoas vão votar. O terceiro ponto do texto diz bem o que quer dizer que o eu é o grande recurso para o renascimento da Europa. Por isso quero ler uma carta de uma pessoa que me escreveu o que significou para ela retomar este manifesto. «Há alguns dias no meu grupo de Escola de Comunidade o tema foi o manifesto sobre as eleições. Tinham acabado de ser os Exercícios, tinha lido os capítulos oitavo e nono, mas do manifesto, depois de uma leitura superficial assim que saiu, tinha-me esquecido completamente; ainda que me tenha parecido belo, o que é que me tinha ficado? Nada, puro sentimento. Pelo contrário, alguns amigos, eram pródigos em juízos interessantes, mas eu nem sequer tinha pensado em nada. Experimentei um sentimento de desencorajamento, de frustração. Como tinha sido possível esquecer-me de uma parte tão importante da realidade, uma realidade que me vem ao encontro? Não é que não tivesse de algum modo estado presente no meu dia procurando fazer experiência à luz da Escola de

Comunidade sobre algumas coisas que me tinham acontecido, mas sobre este manifesto escuro, tal como outros amigos que não tinham nada a dizer, mas isto não era motivo de consolação. No final impressionou-me a intervenção de uma amiga que, com muita dignidade, reconhecia ter-se esquecido do manifesto, mas agradecia pela oportunidade de uma chamada de atenção de que se tinha dado conta naquela noite diante de tantas testemunhas. Eu nem sequer disto tinha sido capaz. Voltando a casa, a primeira coisa que fiz foi imprimir duas cópias, uma para mim e uma para afixar no lugar de trabalho. Mas não estava tranquilo porque apesar de me dizer que de outras vezes eu podia ainda assim levar comigo o desejo de estar presente e errar mil vezes, naquela noite diante da pergunta: “Mas tu amas-me?”, a minha resposta é: “Claro que te amo”, mas o risco era de que fossem só palavras. Na manhã seguinte, antes de ir para o trabalho, como todas as manhãs fazendo Escola de comunidade, a primeira coisa que estudei foi o manifesto, mas não sabia bem por onde começar para que se tornasse meu. De repente tenho um sobressalto com o título: *É possível um novo início?* Fala-me precisamente a mim: eu desejo um novo início para mim. Então comecei a lê-lo não como se falasse só da Europa, dos povos, da economia, como me tinha parecido num primeiro momento, mas mesmo de mim, da minha pessoa, que o contributo da experiência de que se falava fosse para mim. Tudo tomou um significado mais concreto, o meu eu era o tema. E olhando para mim percebi também melhor o que é que estava a acontecer nesta nossa Europa e o que é que está em jogo nestas eleições. O meu eu, através do carisma que encontrei, tem ocasião para recuperar uma atitude positiva e tem a oportunidade de uma mudança. Eu tenho um valor como pessoa, como diz no início, e o capítulo oitavo leva-me a olhar-me como Jesus me olha e redquirio uma dignidade impensável. Se eu olhar para os outros como Jesus os olha, devo olhar-me também a mim do mesmo modo, isto não é de todo óbvio, é um valor que se exprime também no trabalho, como trato a matéria, é um valor que diz respeito a como uso o tempo para crescer, livre porque dependo de outro. Tudo isto concorre para a unidade da minha pessoa – ponto um do manifesto sobre o valor da Europa unida –, mas por uma vida jogada na busca da verdade, como diz Havel, útil para mim e para procurar um bem comum. E o que dizer da crise, das minhas crises nas quais às vezes me perco, e do facto de que por graça, porque Deus salva o homem através do humano, através do carisma que encontrei, e por isso através da Igreja, o Gius, tu e os amigos que tenho, redime-me porque o homem nunca poderá ser redimido apenas por estruturas externas. É sobre esta gratidão que quero concluir, porque me aconteceu aquele início desejado, retomei a consciência da responsabilidade que tenho diante dos meus irmãos homens e de que o Senhor precisa de mim, tem a ver com a minha origem, o meu destino, toda a realidade, também a minha, sinal de um Outro. São palavras que não oiço dizer à minha volta. Cabe-me a mim retomá-las porque um novo início é possível, não só para mim. A consequência é o desejo de poder dividir com os outros o conteúdo do manifesto e de concorrer para o difundir por um bem, por isso como instrumento de caridade e de missão». Parece-me um belíssimo testemunho como um instrumento que nos damos pode ser não apenas uma coisa para fazer, mas qualquer coisa para nós ao fazê-lo. Por isso, não perder esta ocasião de fazer uma experiência, como documenta esta pessoa, é uma proposta para todos.

Roma, 10 de Maio. Recordo a importância do encontro do Papa Francisco com o mundo da escola, que terá lugar Sábado, 10 de Maio, à tarde, na Praça de S. Pedro em Roma. O encontro é promovido pela CEI com o título: «A Igreja para a escola. A Roma com o Papa Francisco».

A educação foi sempre a nossa primeira preocupação, se há alguém que sente esta urgência na educação, na escola, como factor fundamental como nós. Por isso é um convite com o qual cada um de nós deve fazer as contas.

Veni Sancte Spiritus